

Sabina Spielrein: uma mulher fora da margem¹

Anelise Maria Rotta Machinsky
Maria de Fátima Chavarelli
Shirley Gurgel de Alencar²

Este trabalho nasce à partir de conversas informais entre três colegas psicanalistas: primeiramente, tínhamos pela frente, o Congresso Internacional de Psicanálise com o tema *O Feminino*. O fato de termos uma primeira mulher psicanalista como presidente da IPA, mais do que justifica a eleição da temática para esse Congresso Internacional. Quanto ao termo *Feminino*, este traz uma polissemia muito interessante e podemos utilizá-lo através de incontáveis enfoques e matizes, a depender da Escola Teórica que elegemos. Estamos nos referindo:

- Ao elemento feminino puro em homens e mulheres como momento originário do ser? (Winnicott);
- Aos processos identificatórios do materno primário; matriz da descoberta inicial da diferença entre os sexos?
- As perversões femininas, ou à uma posição feminina presente nos dois sexos? E assim por diante...

Como se percebe, os enfoques são inúmeros e cabe enfatizar, que nossa intenção foi pensar o *Feminino* sob o vértice de ser Mulher e sua presença e desdobramentos no nascedouro do movimento psicanalítico.

Enquanto um grupo de estudiosas e curiosas, um nome que começou a tomar um corpo interessante em nossas discussões - Sabina Spielrein. Na tentativa de retirar do sótão a produção feminina

1 – Trabalho apresentado no Simpósio da SPMS 2019; e em versão reduzida no Congresso Brasileiro de Psicanálise 2019 em Belo Horizonte MG

2 – Psicanalistas da SPMS

em psicanálise, elegemos Sabina como representante desse momento/movimento.

Quem foi Sabina Spielrein? Uma mulher que está a anos luz da caricatura apresentada ao público por meio das produções cinematográficas. Pretendemos apresentar uma Sabina que está muito além dessa imagem. Ela foi uma visionária, precursora de conceitos germinais às ideias psicanalíticas sobre o mundo mental.

Foi resgatada do soterramento somente a partir de 1977, quando encontraram nos porões, em Genebra, uma valise abarrotada de documentos sobre sua vida (correspondências com Freud e Jung e seu diário íntimo com registros de 1909 a 1921), trazendo a luz detalhes de uma trama fascinante do período nascente da psicanálise.

Cromberg (2008), se refere a esses documentos como “achados arqueológicos” e relata que apesar desses achados num primeiro momento provocarem surpresa e fascínio por seu conteúdo revelador da intimidade sexual e amorosa entre um psicanalista e sua paciente; é possível que essa curiosidade por sua sexualidade possa ter contribuído para o recalçamento de sua obra.

Sabina é de origem russa, judia, filha de comerciante e proprietário de terras. Sua mãe foi uma das primeiras mulheres russas a cursar uma universidade. Terminou o ginásio com a honra mais alta: uma medalha de ouro. Queria estudar medicina, mas na Rússia, como judia e mulher, ela não podia. O avô e o bisavô materno eram Rabinos respeitados e exerciam o sacerdócio. Falava várias línguas, dedicava-se a música,

tornou-se compositora. Não pensava em se casar, e aos 18 anos não sabia que direção dar a si e a sua vida.

Adoeceu em um grave estado psicológico e a família decidiu buscar ajuda na Suíça onde recebeu os diagnósticos ora de esquizofrenia, ora histeria, e hoje, alguns autores defendem que seu quadro poderia ser compreendido como uma crise de adolescência.

Nesse Hospital, ela foi a primeira paciente de Jung a ser analisada pelo método psicanalítico de Freud e após 10 meses de tratamento, retomou sua vida e seus objetivos; e depois de um longo e controverso relacionamento com Jung, cursou a faculdade de medicina e tornou-se a segunda psicanalista a ser admitida no Círculo Freudiano apresentando o texto *“A Destruição como causa do devir”*.

Jung, além de seu analista, foi seu primeiro amor juvenil e com ele gostaria de ter um filho. chegaram a sonhar juntos no auge da paixão, que o nome desse filho seria: Sigfried – personagem da ópera de Wagner – um dos principais temas da ópera é a luta do amor, que é associada a natureza e liberdade contra o poder. Sabina renunciou o desejo de ter um filho com Jung e parte desse desejo foi transferido para seu trabalho como uma transformação sublimatória em seu processo de luto pelo doloroso desfecho de seu romance.

Fazemos lembrar que a Psicanálise nasceu pelas mãos de homens/médicos, cabendo à mulher, àquela época, o papel de paciente, louca ou histérica, o que não é diferente da visão da mulher na Idade Média como bruxas ou feiticeiras. O espaço da mulher tanto na

antiguidade como no final do século XIX, estava relegado a um lugar enigmático/estranho e demoníaco e muitas vezes à prostituição.

Embora Freud fosse um homem à frente de seu tempo e considerado como um libertador das amarras da repressão nas mulheres, ainda assim não podemos nos esquecer, que estava submetido às influências da força maior da cultura de sua época; haja vista sua teoria calcada na primazia do falo.

Iniciamos nossa narrativa considerando na história da psicanálise, a mulher como doente e o homem como pensador e cientista, refletindo o arquétipo cultural, e assim a mulher para se permitir a expressão e reconhecimento intelectual, era necessário que transcendesse a esse arquétipo do feminino doente, louco. Como bem disse Lígia Teles (2008): no passado quando alguém queria elogiar uma escritora dizia: *“ela escreve como um homem”*.

Essas seriam uma das forças para que por tanto tempo fosse recalcada da história da psicanálise as contribuições teóricas dessa grande psicanalista? Afinal Sabina teve uma alta produção científica, constituída de trinta artigos publicados sendo alguns destacados como pioneiros:

- Em 1911, Sabina escreve *“Sobre o conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia”*, a primeira tese universitária sobre psicanálise.
- Em 1912, publica *“A Destruição como causa do devir”*, texto visionário, onde postula pela primeira vez o conceito de Pulsão de Morte.
- E ainda em 1912, *“Contribuições para o conhecimento da psique infantil”*.

- Em 1920, “*A origem das palavras infantis mamãe e papai – sobre o problema da origem do desenvolvimento da linguagem*”; cabe ressaltar que esse trabalho é decorrente da aproximação com Jean Piaget, que foi seu analisando.

- Em 1923, Ela publica: *O tempo na vida psíquica subliminar*.

Nosso destaque será para o artigo de 1912: *A Destruição como causa do devir*, por reconhecermos neste texto a inauguração do conceito de pulsão de morte.

Ao entrarmos em contato com este Artigo de Sabina; para nosso espanto, soou certo estranhamento, principalmente um estranhamento quanto à sua ideia germinal sobre a destrutividade como uma das causas da existência – postulada em 1912. Essa premissa ficou relegada apenas à uma Nota de Rodapé no texto freudiano *Além do princípio de prazer*, publicado em 1920.

Consideramos assim, que houve um certo soterramento da figura de Spielrein. Nesta nota de rodapé, Freud escreve:

Uma parte considerável dessas especulações foi antecipada por Sabina Spielrein (1912) num instrutivo e interessante artigo que, infelizmente, não me é inteiramente claro. Nele, descreve ela os componentes sádicos do impulso sexual como ‘destrutivos’. [...] (Freud, 1920, *Além do Princípio de Prazer*, p.75)

Concordamos quando Cromberg aponta que esta nota de rodapé liga os dois textos: “*A destruição como causa do devir*” de 1912 e o “*Além*

do princípio de prazer” de 1920; e também podemos dizer que esta nota confirma a antecipação do conceito.

Cabe ressaltar que ainda que ela não preconize a existência da dualidade pulsional (pulsão de vida e pulsão de morte), Sabina já instaura uma dualidade no seio da pulsão sexual. Há uma relação, diz ela, entre a sexualidade e a destrutividade; entre elas, a grande incidência de neuroses em tempos de guerra, os fenômenos do sadismo e masoquismo e os casos de intensa fixação às figuras parentais. Nos neuróticos, as representações de guerra passariam a expressar tais fantasias destrutivas. Assim, Spielrein sustenta que *“na neurose, o componente da destruição predomina e se expressa em todos os sintomas de resistência à vida e ao destino natural”* (Spielrein, 1912/2014, p. 259-260).

Quanto aos fenômenos do sadismo e do masoquismo, estes, ilustrariam de forma clara a relação entre sexualidade e destrutividade. A autora, parece sustentar a existência de uma tendência regressiva no instinto sexual, a qual consistiria em uma força a retornar a um estado de fusão com os pais. Essa força seria intensificada devido à ausência de realização dos impulsos sexuais.

A pulsão de Morte proposta por Spielrein não visaria à aniquilação do indivíduo como um todo ou a sua vida enquanto tal, mas sim a destruição do Eu (Ego), o que é elucidado, principalmente no fenômeno da esquizofrenia.

Spielrein distingue também uma psique do Eu e outra mais profunda denominada de “psique da espécie”. O inconsciente não

conteria apenas experiências do passado individual, mas também de inúmeras gerações, de forma que a assimilação inconsciente de eventos que tivessem ocorrido em muitas gerações se encaixariam na cadeia de pensamentos do presente, ou seja, transformariam uma experiência do Eu em uma experiência da espécie. Segundo a autora: *nossa psique profunda não conhece o Eu, mas apenas seu soma, o Nós*. A psique da espécie quer transformar a representação do Eu em uma representação tipicamente impessoal; a psique do Eu defende-se dessa dissolução. Esse não seria o embrião do conceito de *inconsciente coletivo* de Jung? Podemos ler em seu diário um receio de suas ideias serem apropriadas por ele.

Assim, Spielrein defende que a psique da espécie não obedeceria ao princípio do prazer tal como proposto por Freud; tal princípio diria respeito apenas ao funcionamento do Ego consciente e inconsciente. O desejo de ferir a si mesmo e o regozijo pela dor, tornariam necessária a suposição de que nem todos os processos psíquicos trabalham no sentido do princípio do prazer; em outras palavras, que existe um funcionamento psíquico muito mais profundo, que esta para além do princípio do prazer.

A autora postula que dessa psique profunda – cujo funcionamento não obedeceria ao princípio do prazer – proviria o Instinto de Morte, que seria um impulso de aniquilação do Ego e não um impulso de destruição do organismo.

É espantoso, no mínimo estranho, que com essas postulações metapsicológicas tenha ficado tão ignorada e destinada à uma breve Nota de Rodapé em 1920.

Spielrein concorda com Freud quanto aos impulsos amorosos do adulto remontarem às experiências infantis, as quais insistimos em tentar repetir.

Contrapõe-se a Freud, que acreditava que a nossa vida psíquica estaria resumida a uma busca por prazer e evitação do desprazer. Ela se pergunta se não existiriam forças pulsionais que colocariam nosso psiquismo em movimento sem se preocuparem com o bem estar e o sofrimento do Eu.

O prazer não passa de uma reação do Eu, o que abre caminho para que ela levante a hipótese de ser possível *“extrair prazer do desprazer e da dor”*.

Sabina conclui: *“Em nosso âmago há algo que, por mais paradoxal que isso possa soar a priori, busca esse auto prejuízo, uma vez que o Eu pode reagir com prazer”*.

Seu raciocínio é complexo e tenta demonstrar que: O Eu é altamente fragmentado e que há um conflito entre o que ela denomina psique do Eu e a psique da Espécie - (tal qual a primeira tópica freudiana) - Eu consciente X Eu inconsciente. Sabina sugere pesquisas mais detalhadas para comprovar a existência dos componentes destrutivos da sexualidade. Diz ela que a pulsão de procriação também é formada de dois componentes antagônicos e, portanto, é igualmente uma pulsão de devir e de destruição.

Ressaltamos os pontos de intersecção entre as ideias de Spielrein 1912 e Freud 1920:

1 – Ambos usam dados biológicos para o conceito de pulsão de morte.

2 – A ideia de compulsão à repetição do desprazeroso, como indício da existência de um outro princípio de funcionamento psíquico que esta além do prazer.

3 – Conceito de destrutividade na pulsão sexual – Sabina também chama de Pulsão de conservação da espécie e Freud desdobra como sadismo em “*Além do princípio de prazer*” e como pulsão de destruição em “*Mal estar na cultura*”.

4 – Antecipação por Sabina da concepção de masoquismo primário, teoria que Freud formula em 1924 em: *O problema econômico do masoquismo*.

Diante da grandiosidade de sua produção científica, nos primórdios da psicanálise, nos perguntamos o porquê essa mulher foi literalmente soterrada, já que seus escritos só foram encontrados quase meio século depois no porão da biblioteca do Instituto de Psicologia da Universidade de Genebra.

Seu “apagamento” foi tão significativo nos Anais da história, que Sabina esta ausente na biografia psicanalítica oficial de Jones e tem apenas uma pequena menção por Peter Gay.

Entendemos que o relacionamento de Jung com Sabina contribuiu também para a discórdia entre Freud e Jung (haja vista as correspondências entre os três). Spielrein foi a primeira paciente de Jung

tratada no método psicanalítico, numa época onde havia uma imaturidade no manejo da transferência e o desconhecimento da contratransferência, somado ao fato de Jung não hesitar em ter inúmeros casos amorosos com suas pacientes. Não foi ao acaso que no mesmo período Freud postula a necessidade dos analistas empreenderem suas análises pessoais.

Com o desfecho desfavorável dessa situação, deflagrou profundas questões políticas e éticas quanto à expansão da psicanálise, uma vez que Jung era o filho dileto e protagonizava a psicanálise para além da neurose, no solo da psiquiatria e também para além de Viena, e ainda, era jovem, de inteligência excepcional e não Judeu (representando o desejo de Freud de expurgar a psicanálise da qualificação de ciência judaica). Ele representava *uma nova terra prometida* e Freud primeiro o amou como filho e discípulo, antes de transformá-lo em inimigo (Roudinesco, 2016). Neste contexto Sabina era a imago do doloroso rompimento entre Freud e Jung, representando as falhas cometidas nos primórdios, e então a repressão recaiu sobre ela.

Após todo nosso percurso de textos, cartas e filmes sobre a vida intelectual e íntima de Sabina, aos nossos olhos, fica claro que tudo o que ela mais queria era ser reconhecida como uma mulher capaz de amar e produzir.

Sabina ansiava tanto por um reconhecimento que seu desejo era que se plantasse um carvalho em sua sepultura com o epitáfio: *“Eu fui uma vez um ser humano, eu era chamada Sabina Spielrein”* (28 de agosto de 1913).

Morreu em 1942, fuzilada pela milícia nazista junto com suas duas filhas. Spielrein foi mais uma mulher, além de Anna O. com Breuer, a trazer à tona a força demoníaca da transferência e contratransferência.

Elas eram loucas, ou enlouqueciam esses homens que desconheciam o que é ser mulher? E também, o quer uma mulher?

Referências Bibliográficas

CROMBERG, R. U. **O amor que ousa dizer seu nome Sabina Spielrein – pioneira da psicanálise**. Tese (Doutorado em Faculdade de Psicologia Social e do Trabalho) – Instituto de Psicologia – Universidade de São Paulo. São Paulo. 2008.

FREUD, S. (1920) Além do Princípio do Prazer. **Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

ROUDINESCO, E. **Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo**. Tradução André Telles – 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

Revista Brasileira de Psicanálise. Vol. 42, n. 4 – 2008

Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise Obras Completas – volume I / organização Renata Udler Cromberg; tradução Renata Dias Mundt. São Paulo: Livros da Matriz, 2014.

Filme: **Um Método Perigoso**. Direção: David Cronenberg; produção: Jeremy Thomas, Tiana Alexandra; intérpretes: Keira Knightley, Michael Fassbender e Viggo Mortensen; Brasil, 2012, (99 min).